

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 18 DE JUNHO DE 1882 — N.º 17 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$500 réis; semestre ou 26 numeros, 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS: — Pobre familia. Gallo velho e patos novos. O mestre de escripta. O revelador (gravura do romance)
TEXTO: — Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por Acacio Antunes. Horas d'ocio. O segredo de Clotilde, por M. Mesquita. O sonho do infante, por P. C. Um Passado tenebroso

ACTUALIDADES

Não é das cousas mais lisongeiras para a Morte, nem das menos funebres para o sr. João Felix,

Na superficie do globo como nas ruas d'um cemiterio ha campas rasas e monumentos altaneiros, e a tempestade que passa fende ás vezes com o raio a estatueta que os encima.

as manchas coloridas que, nos grandes continentes e nos grandes mares, fixam o domo d'um povo ou a guarida d'um patriota.—

No que peze ao exorço constante dos srs. Lucia-



POBRE FAMILIA!

comparar a parca destruidora com um professor de geographia; e contudo é fatal a comparação.

As tendencias hereticas da sociedade moderna fazem com que vejamos o dedo da Providencia destruidor e inflexivel a indicar na esphera os pontos que elle ennegrece.

Os homens, assim como os monumentos de pedra erigiam a face do globo, e a morte entretém-se a esmagar com força aquelles que tomam a proporção dos heroes—Debruçados sobre a carta geographica ou fazendo mover a esphera terrestre julgamos ver, a miude, converterem-se em pontos negros

no e Pequito, mais do que a sociedade de geographia a descreença ensina ao povo a forma caprichosa e os nomes variados das linhas que atravessam, em zig-zags, d'um a outro polo, o mundo sublunar.

Não era isto o que succedia nos tempos em que as almas, immensos aereostatos em direcção ao

Olympo, só indicavam no seu vôo as maravilhas e os mysterios d'uma falsa astronomia.

Mãe de cujos braços se soltasse um dia o espirito de seu filho, indicava logo ás creanças que ficavam, n'um ponto luminoso do firmamento ou n'uma nuvensinha transparente que fugia, o ninho eterno da ave que se alara...

E o que succedia com as creanças succedia com os homens: nas constellações estava o seu esquite e as mais luminosas eram o patheon dos heroes.

O ceo era a grande carta onde o azul mostrava a grandeza dos mares e as estrellas uma infinidade de ilhas.

N'esses bellos tempos d'um espiritualismo consolador, facil seria a esta hora contemplar na estrella do norte, por ser uma das mais brilhantes, a celebrada Caprera.

Assim, n'este livre pensar do seculo XIX, o povo, que já não olha para os astros para ver subir as almas, fixa na terra o ponto onde os cadaveres desaparecem.

Quantos ignorantes não tem n'estes ultimos dias procurado com avidéz, deslizando serenamente o indicador sobre a facha recortada do Mediterraneo, aquella pequenina mancha que se banha n'um grande mar e se esconde modestamente entre a Corsega e a Sardenha!

Buscam a sepultura de Garibaldi, como outr'ora buscariam a gloria d'um justo.

Tem uma grande influencia no nosso espirito e no nosso olhar a lembrança do facto que nos levou em busca da singela morada do eximio patriota. Fixando aquella lingua de terra que a bocca devorista da Austria estende entre os dois mares julgamos ver que n'aquelle esforço, a Italia se solta do Norte e vae attrahir com o iman da saudade, para fazer d'ella o seu vigoroso coração, a pobre, a enluctada, a triste ilha de Caprera.

O amarello, o verde, o azul, todas as côres do iris geographico, que assignalam as diversas provincias d'aquelle encantado paiz, parecem transformarem-se, escurecerem, como se entre o nosso olhar e o mappa surgisse a transparencia d'um crepe, como aquella que costuma envolver as bandeiras coloridas d'um exercito em funeral.

A ignorancia do nosso povo nas sciencias historicas tem sido até hoje, eraça ao aturado estudo dos mundos divinos, a mais notavel de todas as ignorancias; a liberdade, porém, ou antes o seu amor e aneio, affirmam em factos recentes a excellencia das suas qualidades pedagogicas.

No centenario de Camões abrio-se o curso publico em que foi ensinado ao povo o caminho da India, a significação dos Lusitadas e a historia do seculo XVI; no centenario de Pombal foram ensinadas ao povo a posição geographica da Inglaterra e a historia politica do seculo XVIII; e a morte de Garibaldi, abre aos ignorantes o caminho do Mediterraneo, desnuda as costas da Italia, aponta com odio o logar da Austria e envia um olhar de pesame ao Tyrol e ao Treutino.

Admiravel lição.

Até aqui o povo conhecia apenas, em Portugal a sua cidade ou a sua aldêa; em Hespanha, a loteria de Madrid; em França a lama de Paris; em Italia a palha de chapeos, em Inglaterra Londres por ser terra de gaiteros! Em compensação sabia ir com os olhos fechados ao ceo, ao inferno e ao purgatorio.

Nas lições, porem, que as commemorações lhe offerrecem convem ao povo não esquecer as surpresas e os ardis do nosso olhar apaixonado.

Quem diria, por exemplo, ao ter noticia de que

desfallecera para sempre, no retiro modesto da sua ilha, o companheiro de Cavour; ao sentir o estremitamento patriótico que experimentou a unificada Italia; ao comprehender a eloquencia das manifestações feitas em todos os povos cultos a memoria querida de Garibaldi; quem diria, enfim, que quando parecia haver um gemido na palavra Italia, que um grupo de italianos, artistas de coração, verdadeiros artistas de gargantas primorosas e de gesticulação admiravelmente comica, havia de surgir entre nós, a pagar-nos o pesame, com os encantos da sua voz e com os sorrisos da sua graça.

Ceci tuera cela. Oh! grande verdade!

Boccacio succede a Garibaldi, o Coliseu a Caprera e os votos de sentimento com que o parlamento se inquietava e com que o congresso e o comicio se honram, transforma-se na critica theatral: — o *claqueur* succede ao patriota!

Hontem ao falar em Italia lembravam logo as tristezas; hoje só lembram as alegrias; hontem, mal soava aquelle nome magico logo occorriam as notas vigorosas d'um hymno marcial; hoje só lembra a aria e o *couplet*.

Boccacio fez á memoria do grande general o que Napoleão 3.º fez aos garibaldinos em Mentana. — venceu-a.

No meio de todos estes similes e confrontos o sr. Brito, empresario do theatro de S. Carlos desempenha um papel muito importante. Chega até a parecer que tem pretensões a ser o unificador dos theatros lyricos de Lisboa, que tarefa não poderemos considerar tão difficil quanto foi para Victor Manoel a unificação da Italia.

O theatro de S. Carlos era uma especie de Piemonte em que a acção do seu empresario se achava tão quebrantada, como a de Carlos Alberto antes de sonhar com as excursões conquistadoras.

E o sr. Molina, aquelle sr. Molina que chamava todo o mundo ao *Price* e aos *Recreios*, se não tinha um pouco de austriaco, era com certeza tão odiado pelo unificador theatral, como se tivesse.

O caso é que os *Recreios* foram absorvidos ou annexados, e que o sr. Brito poderá d'ora avante dizer aos seus artistas que cantem e dancem, no verão e no hiberno.

Admiravel conquista: aliar o caato da cigarra á previdencia da formiga!

Note-se porém, que a *Trindade* continua sem receio de tentativas unificadoras e que o sr. Francisco Palha ainda pode dizer a respeito do sr. Brito o que não seria justo a respeito d'outros sujeitos:

Tu ainda cá não cantas.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Pobre familia!

Ha um profundo sentimento de verdade n'essa scena dolorosa, de que temos todos os dias exemplos diante dos olhos.

Quando a morte veio arrancar o marido a essa infeliz mãe, não cedeu nem ao desespero, nem á desanimação, que a levariam a uma miséria mais terrivel ainda. Compreendeu o seu dever. «O ceo deu-me dois filhos, disse ella consigo, para viverem e para serem educados no seio da virtude.»

E, cheia de coragem e de resignação, lucha, trabalha, e Deus a abençoará e cobrirá dos seus beneficios!

N'esta tristeza das casas da cidade ninguem ha que devaneie um quintalinho de quatro metros que o não povõe logo na imaginação de aves e de flores. São o jubilo e a poesia do jardim. Haverá utilitarios que não queiram senão porcos e couves; haverá poetas lyricos que não devaneiem senão rosas e pombos. Eu, que não sou nem utilitario nem lyrico, preferia uma grande variedade de flores á vermelha uniformidade das rosas, e as gallinhas, e os gallos, e os frangãos, e os patos aos pombos ou aos perús, sem que por isso despreze o perú com recheio e o pombo com ervilhas.

A poesia tem abusado do pombo por tal forma, que eu sinto as minhas velleidades de começar a detestá-lo. O pombo ia passando a ser um animal pretencioso. A gente imagina-o sempre de lita cor de rosa ao pescoco, poizando no hombro de uma menina romantica. D'antes era impossivel que um pintor ou um poeta descrevesse ou desenhasse uma pallida donzella entre verdura e flores, sem a collocar em languida posição, e dando de comer a um pombo favorito. O pombo já tinha idéas da sua serventia bucolica, e começava a tomar attitudes. Aristocratisava-se entre as aves. Contam-se casos de pombos Renés, e de pombas Adélias com mihaes por Antonys. Os pombos deixavam de ser aves e principiavam a ser trovadores. Havia pombos que tocavam bandolim. Um, mais audacioso, chegou a perpetrar uma elegia. O pombo, além d'isso, passou de Florian para os romanticos. Florian cingira-o de *favours roses*, os romanticos regaram-n'o de lagrimas. O pombo a tudo se resignou. É, demais a mais, como se vê, um animal sem convicções litterarias. Eu estava sinceramente odiando o pombo. Foi necessario o cerco de Paris, e uma pagina eloquente de Paulo de Saint-Victor para eu lhe restituir a minha estima.

A arte esteve, porém, por muitos annos condemnada exclusivamente aos pombos no ramo das aves domesticas. Assim como uma grande porção do dicionario não podia entrar na alta litteratura, assim tambem as gallinhas e os patos estavam excluidos da pintura e da poesia. Houve um poeta que precisou uma vez de fallar em gallinha; fez uma periphase em quatro versos, mas não proferiu em lingua aristocratica a palavra villá. Alfredo de Vigny, achando-se na necessidade de dizer «camiza», cõrou, investiu e afinal não se resolveu. Saiu da difficuldade, como o poeta da gallinha, com uma periphase. Tratava-se de confessar que a heroína do conto estava em camiza. Eis como a coisa se narrou:

Dolorida n'a plus que ce voile incertain,
Le premier que revêt le pudique matin,
Et le dernier rempart que dans la nuit folâtre,
L'amour ose enlever d'une main idolâtre.

N'esses bons tempos uma camiza e uma gallinha, em poesia, custavam quatro versos cada uma. Em pintura, as gallinhas viam-se ao longe na paizagem, como o povo nas tragedias. O gallo ainda tinha uma entrada em quadros familiares, mas a gallinha era proscripta severamente.

Goethe em poesia e Kaulbach em pintura ousaram rebelar-se contra o preconceito. Uma das mais suaves figuras femininas da galeria do auctor do *Fausto*, Lili, é apresentada pelo poeta no acto de distribuir milho a uma capoeira, que parece a Assembléa Constituinte das aves domesticas depois de 1789. Os pombos por alli esvoaçam tambem, mas, como o estado da nobreza depois do juramento do Jogo da Pella, não tem logar á parte, e vêem-se muitas

vezes preteridas pelo terceiro estado dos patos. Veio Kaulbach, o grande pintor bávaro, e com o seu lapis magico reproduziu o quadro ideado por Goethe, e ousou apresentar n'uma estampa Lili, meiga, rissonha, formosissima, rodeada do seu «povo esvoaçante», como diz no *Eremitario* um outro rehabilitador dos patos e das gallinhas, o illustre poeta visconde de Castilho (Julio)

Gallinhas e patos temem pois direito de cidade na poesia e na arte. E era realmente estranho que, se ellas, depennadas, exprimem o entusiasmo e o arrebatamento—a *chair de poule* e o symptoma das grandes commoções—não exprimissem com pennas senão prosa villã. Os poetas já não desdenham chamar as gallinhas pelo seu nome, e contar até a sua dedicação pelos frangos e o seu amor maternal, os pintores occupam-se d'ellas com toda a attenção e reconhecem-se enfim que não era o fricassé o unico e fatal destino da raça gallinaea. Por isso tambem Dieffenbach, o pintor allemão cujo quadro *Jornal do Domingo* hoje apresenta em gravura aos seus leitores, tendo de rodear de aves domesticas esse adoravel pequeno que esfarela toda a sua fatia de pão com manteiga para o distribuir pelos seus clientes, em vez de a rodear dos pombos e das rolas consagradas, poz-lhe na frente uns patitos soffregos e ao lado um velho gallo astuto que procura apanhar algumas migalhas mais graúdas, esses pobres antigos animaes desprezados, a proposito dos quaes deixei vagabundar, contando com a indulgencia dos leitores, a minha incorrigivel penna de folhetinista.

O mestre de escripta

O quadro que a nossa gravura representa é um dos mais celebres, e dos mais justamente celebres do grande pintor hollandez Francisco Van-Mieris, um dos mais notaveis pintores de genero d'essa grande escola do seculo XVII.

O typo que a gravura representa é um typo hoje completamente apagado. O que valem os nossos mais peritos mestres de calligraphia perante esses antigos mestres de escripta, verdadeiros artistas que copiavam com a sua boa letra floreada os velhos manuscriptos, que os illuminavam ás vezes, fazendo verdadeiras obras primas de desenho dos caracteres?

E o que vale tambem a nossa penna de aço, machina sem gosto nem elegancia, que conduz a vapor o nosso pensamento pelo papel, onde range e chia com uns clamores de locomotiva caligraphica, junto d'essas elegantes, flexiveis e mimosas pennas de pato, arrancadas ás azas candidas e humidas dos habitantes dos lagos, e que o calligrapho aparava cuidadosamente, esmeradamente, preparando com incredibile mestria o instrumento, que devia ser não uma simples machina de escripta, mas o pincel fino e delicado dos seus primores artisticos?

Van-Mieris escolheu a melhor occasião em que podia apanhar o seu modelo: no momento solemne em que se prepara para a lucta com o velino do manuscripto, quando prepara as armas do combate, quando concentra todas as forças e toda a actividade do seu espirito n'essa operação de que vae depender a sua gloria, o acabado do seu trabalho. Basta ao mesmo tempo olhar para o personagem e para todos os accessorios do quadro para se perceber que se não está em presença d'um simples *plumitif*, como os francezes dizem. É um artista que alli nos apparece, revelam-n'o as suas barbas sedosas elegantemente cuidadas, o seu traje, o meio em que se sente que elle vive. Se fosse em Portugal, diria que nos achavamos em presença de Ma-

noel Bocarra Framy ou antes de Francisco de Hollanda, o amigo de Miguel Angelo, e o companheiro de Victoria Colonna, nas longas patestras de que o nosso compatriota nos deixou tão interessante memoria. Assim não sabemos quem seja, mas é com certeza um artista verdadeiro que se prepara para legar á posteridade alguma verdadeira obra prima de calligraphia.

P. C.

HARMONIA

Hontem, quando pouzaste as mãos sobre o teclado,
E soltaste no piano os languidos arpejos
D'aquelle inspiração de um peito magoado,
Como um concerto ideal, um canticó de beijos,
Hontem, quando pouzaste as mãos sobre o teclado,

Senti-me arrebatado em ondas de harmonia,
E, enquanto me inundava uma profunda magoa,
Gozava dentro em mim uma intima alegria,
E sorria, mulher, com os olhos rasos d'agua,
Ao sentir suspirar as ondas de harmonia.

A tarde declinava, o sol já se escondêra,
Pairava em de redor a luz crepuscular,
E o perfume ideal da alegre primavera
Dimanava de tudo, embalsamando o ar,
A tarde que fugia, o sol que se escondêra.

E o piano gemia ao languido contacto
Dos teus dedos febris mais alvos que o marfim:
Parecia concluir o mysterioso pacto
Da noite e da harmonia, a suspirar assim
O piano, gemendo ao languido contacto.

E o teu suave olhar, profundo, inebriante,
Enchia-me de luz! E n'esse enteio envolto,
Eu quizera morrer n'aquelle mesmo instante,
Beijando sequioso o teu cabello solto,
Á luz do teu olhar profundo, inebriante.

Deixei-me embelezar n'aquelle doce encanto
Como n'um sonho bom, n'um sonho vaporoso...
—A musica findou, fugiu a noite... e entanto,
Eu sinto, sinto ainda o ecco harmonioso,
O ecco musical d'aquelle doce canto.

Sólta, sólta de novo a grata melodia
De lagrimas de aurora e raios de luar,
Quero-me embriagar de luz e de harmonia
N'aquelles moigos sons, n'aquelle doce olhar!
Sólta, sólta de novo a grata melodia!

Vamos recommençar aquelle sonho ideal,
Dá-me dos olhos teus os mysticos effluvios,
Que me quero afogar em notas de crystal,
E mil vezes morrer sob esses dois diluvios,
E mil vezes sonhar aquelle sonho ideal!

ACACIO ANTUNES.

HORAS D'OCIO

Charadas Novissimas

(Offerecidas á distincta charadista a ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Basto.)

- Ca memoria se refresca o escravo—1, 2
- V avesinha isolada abunda em peixe—2, 1
- Mal solitario é prejudicial—2, 1
- V madeira manda calar. Como é lindo!—2, 1.

HAMLETT.

Palavras em triangulo

No jogo e no campo;
No cravo e na rosa,
O' terra orgulhosa,
Sustento nos dás,
Pois sê generosa,
Primeira serás

LUDOVICO.

Enygma

Se muitas coisas principio,
Não me dispensam no fim,
Em marchas sempre na frente,
Em viagem... isso sim!
You atraz; sou o primeiro
Em manobras militares,
Em passeios não me apanham,
Que eu não gosto de vagares.

VASCO.

Solução dos problemas do n.º 43

Charadas novissimas—1.º Regalo, 2.º Pedante.

Enygma—Azul—Luza.

Charada.—Malvado.

Soluções certas

Charadas novissimas—Elisa Basto, Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Simão XL, Hercules e Omphale (Pombal), A. Marques Guedes (Vizeu), Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), B. C. (Vianna do Castello).

Charada—Elisa Basto, Botão de Rosa (Evora), A. Marques Guedes (Vizeu), Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Hercules e Omphale (Pombal), Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), B. C. (Vianna do Castello), Monge de Osseira (Pitões de Junias), Edipo.

Enygma—Elisa Basto, Botão de Rosa (Evora), Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Hercules e Omphale (Pombal), Simão XL, Edipo, Monge de Osseira (Pitões de Junias), Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), Vasco (Coimbra).

Soluções do n.º 14

Anagramma.—Lide, Edil.

Phantasia arithmetica.—72.

Charadas novissimas:—1.º Romaria, 2.º Camello, 3.º Maluco, 4.º Garrafa, 5.º Bacalhau, 6.º Topazio, 7.º Chipre, 8.º Candieiro, 9.º Julia, 10.º Capote, 11.º Veleiro.

Soluções certas

Anagramma. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Aydé (Vizeu), Hamlet (Merceana), Elisa Basto; Monge de Osseiras (Pitões de Junias), Edipo, B. C. (Vianna do Castello), Teniers (Santarem).

Phantasia arithmetica.—Aydé (Vizeu), Mascotte, A. Marques Guedes (Vizeu), Elisa Basto, Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), Teniers (Santarem). Ludovico, Edipo, Euclides.

Charadas novissimas. — Mascotte, Aydé (Vizeu), A. Marques Guedes (Vizeu), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Hamlet (Merceana), Elisa Basto, Teniers (Santarem), B. C. (Vianna do Castello), Edipo, Vasco (Coimbra), Ludovico, Monge de Osseiras (Pitões Junias).

O SEGREDO DE CLOTILDE

(Conclusão)

E's tu, Clotilde? disse e ficou-se a olhal-a... recuou um passo, tremulo, desorientado... bella surpresa, bella ideia, murmurava.

o retrato da mãe, o que juncto á sua extrema semelhança, absolutamente a identificava com ella. O oval purissimo, infantil, do rosto era levemente sombreado pelas largas abas curvas d'um chapéu negro como as azas d'um corvo, encimado por uma enorme pluma branca, que se vergava descendo pe-

lar de ouro, aos lozangos, no centro dos quaes se engastavam os topázios e os ametistas, as perolas baças e as languidas opalas. Dos hombros, abrindo-se como a folha d'um lyrio, um cabeção enorme, tuçado, elevava-se alcançando as pequeninas orelhas e patenteando, na origem, a meia curva dos hombros



GALLO VELHO E PATOS NOVOS

— Não me acha bella assim?

— Oh! mil vezes bella, minha filha; e o seu olhar tinha todos os cambiantes do olhar do allucinado. Clotilde curvou-se n'uma engraçada mesura e altiva, radiante, seguiu além.

E' que vinha realmente formosa; d'uma formosura cruel para o duque, porque copiara servilmente

las costas. O cabello basto, louro, finissimo, entremostrava-se apinhado por sob a aba esquerda que se elevava, sustida por uma oval de perolas. Um corpete de setim negro, engastando os peitos, de uma brancura lactea, fazia lembrar uma grande taça de agatha, onde se lançassem dois enormes sorvetes de leite. No collo nu abraçava-se um largo co-

tumidos e redondos. A manga larga, ovoide, deixava admirar a branca escultura do seu braço primorosamente lançado e o vestido azul, de largas rainagens de ouro, liso, occulto na frente pela comprida bolsa, ricamente bordada, cahia languido dos seus graciosos quadris, sobre os pequenos chapins brancos apenas visíveis.

Revivera absolutamente a t'ela immovel. A marquez de Lara resuscitando, apparecia-lhe ali, vinte annos depois de morta, na belleza ideal que o fascinára.

Foi-se atraz d'ella, pelos salões, como havia vinte annos fizera; louco, enamorado, atraz d'aquella illusão, perdido n'aquelle sonho!

O duque tremera. Parecera-lhe que remoçara vinte annos e que um outro homem, rapaz, novo, gentil, fallava d'amor com a marquez de Lara. Uma onda de raiva lhe passou pelo cerebro e deu um passo para o par, como se fosse aniquilal-o.

Depois, serenando, reflexionou que a marquez

Cahi no sophá, pallido, abatido, olhando o retrato da duqueza cuja brancura edeal resaltava no fundo negro da tela como uma camelia branca nos cabellos negros d'uma hespanhola. Como era gentil a bella duqueza, com o enorme chapeu felpudo de largas abas ondeantes, pendido para o lado, projectan-



O MESTRE DE ESCRIPTA

N'uma das salas, um rapaz esbelto, um cavalleiro do seculo XII, offereceu-lhe gentilmente o braço.

Ella acceitou. O seu olhar exprimia o mais limpo do prazer, e a sua bocca sorria, ouvindo n'aquelle enlevo ideal de namorados, as phrazes do gentil cavalleiro.

Caminhavam assim.

morrera e que aquella mulher gentil, amada e amante, era simplesmente sua filha. Apoderou-se d'elle uma tristeza profunda, e o ciume do amor de p'ae feriu-o de chofre.

Olhou-os por algum tempo, triste, fixamente. Ao vel-os sumirem-se, compoz o semblante, atravessou a chusma dos convidados, e fechou-se no seu gabinetete.

do-lhe no rosto um gaze tenuissima de sombra á Rembrant.

Como era bella a duqueza!

Que saudade profunda, que dôr enorme, não possuir exclusivamente o amor da filha, que era outra ella, como gosára, só, no seu fugaz paraizo d'um anno, os beijos da mãe, a doçura do seu olhar doce,

o perfume do seu corpo gentil, correcto, incomparavel.

E parecia-lhe que a ia perder de todo; que lhe arrancavam dos braços aquella pequena cabeça loura que elle beijava soffregamente ha tantos annos, sobre que lhe caia involuntariamente tanta lagrima, a cabeça que elle vira correr para elle tanta vez, chegar-se-lhe ao rosto e beijal-o, louca, santa, amorosamente. com o pequeno til escarlate dos seus labios, os labios, que eram taes quaes os labios da mãe.

Pensar que um homem havia de ter com sua filha uma noite de lupcias, como elle tivera, havia vinte annos; que a havia de tocar, beijar, sentir desfallecer nos braços, no meio fôfo e quente d'um *boudoir* luxuoso, vibrante ainda dos sons do baile, embriagante de perfumes!

Mas era uma profanação infernal! era sentir o que elle havia sentido, tocar o que elle havia tocado, beijar os mesmos labios, embriagar-se na luz dos mesmos olhos. Então, essa noite feliz passava-lhe pelo cerebro, luminosamente, como passam pelo escuro das noites os aereolitos candentes!

Os seus labios tremiam ainda sobre os labios d'ella; aspirava-lhe soffregamente o perfume da trança ondeda e longa; no rijo anel do seu braço viril, engastava-se elegante, desejoso, tremulo, o corpo gentilissimo da loucamente amada, como se engusta tremula uma perola d'agua nos galhos d'um roble. Viavelhe ainda o collo branco de crème, levedar-se, turgir-se; sentia-o contra o seu, quente, velludoso, rigido, em quanto o som dos beijos esmorecia nas tapezarias discretas, riam silenciosamente as brancas camélias nas jarras, e murchavam uma a uma as brancas flores da corôa nupcial, como murcham as cabeças das virgens profanadas, por um secreto pudor intimo e ferido.

Mas aquella noite era só d'elle!

O seu egoismo mostrava-lh'a exclusivamente sua.

Um olhar estranho que ali penetrasse, seria uma profanação infame a que elle opporia a lamina d'um punhal! Tudo o que na sua vida havia de maior, de mais doce, de mais santamente saudoso, era aquella noite!

E a filha era o retrato da mãe, além de ser sua filha. Um homem pois, penetraria no mysterio do seu amor, leria nos bijos, de sua filha o poema da noite das suas nupcias, e para cumulo da dôr, arrancar-lh'a-a ao seu carinho, depois de lhe ter feito occupar no seu coração um lugar secundario.

E a cabeça cabiu-lhe desfallecida!

Subito levantou-se; olhou nervosamente o retrato, que o fixava na immobildade da pintura, com a serenidade d'um santo.

Com um movimento brusco, arrancou-o e arrojou-o ao lume do fogão.

O ultimo creado que se recolhia contou que ao passar pelo quarto do duque, sentira soluçar lá dentro.

No outro dia Clotilde comprehendeu tudo.

Fez-se retratar assim, e pendurou o seu retrato no sitio onde pendia o de sua mãe.

N'um dia pela primeira vez depois do baile, o duque sorriu.

Não resistiria ao isolamento.

O egoismo do coração humano, torna até necessaria, á vida, a contemplação dos objectos, que representem, bem que dolorosamente, a recordação synthetica das dores amorissimas.

M. MESQUITA.

O SONHO DO INFANTE

I

No dia 14 de agosto de 1433, anniversario da batalha de Aljubarrota, morreu el-rei D. João I «O rei de boa memoria, escrevi eu já, como lhe chamou o povo e como a historia lhe chama; o rei sempre victorioso, o fundador da dynastia de Aviz, e tambem da gloria portugueza, expirava, ouvindo em torno de si, confundidos com os prantos do povo os echos longinquos dos cantos da victoria; o seu ultimo sol era o mesmo que illuminára o campo de Aljubarrota. Para que nenhum expendor á sua vida faltasse, abrazaram-lhe o poente magnifico os raios de ouro e purpura d'essa radiante aurora do seu reinado; que, illuminando Aljubarrota, prophetisava Ceuta, e depois de Ceuta o itinerario victorioso dos portuguezes por desconhecidos mares e regiões remotas.»

Acclamado rei seu filho D. Duarte, mau grado os infaustos agoiros de mestre Guedelha, jurado em Cintra herdeiro do reino o principe D. Affonso, tratou-se da transladação do cadaver de D. João I da sé de Lisboa, onde estava depositado provisoriamente, para o seu tumulo do mosteiro da Batalha, onde tinha de dormir o somno eterno ao lado da rainha D. Filipa, que durante a vida lhe fôra sempre doce e meiga companheira.

A cerimonia effectuou-se com desusada pompa.

No dia 25 de outubro, reuniu D. Duarte em Lisboa toda a fidalguia e prelazia do reino; El-rei vestido de luto, acompanhado pela sua comitiva magnifica mesmo nas suas vestes de dô, dirigiu-se para a sé em silencio precioso, ao som dos dobres pausados de todos os sinos da capital. A sé, com as janelas hermeticamente cerradas, avultava tenebrosa e como que tambem trajando luto; n'uma das janelas da igreja de Santo Antonio o dominicano frei Rodrigo, confessor do infante D. Henrique, prégouum sermão que arrancou ao povo lagrimas sentidas. Por dentro estava a sé toda forrada de preto, mas esplendidamente illuminada por innumeras tochas; no cruzeiro uma eça assombrada pela bandeira de el-rei e todas as outras bandeiras de reis e principes presentes. Aos hombros do rei D. Duarte e dos infantes foi o caixão da tumba para a eça. Em torno da eça bispos e abbades não cessavam de incensar o corpo com os thuribulos oscillantes, enquanto o arcebispo de Braga celebrava o officio fúnebre.

Veiu a noite, e a igreja ficou immersa no silencio, sendo guardada devotamente a eça pelo infante D. Pedro, acompanhado de muitos fidalgos. Ao outro dia houve nova missa, e ordenou-se depois a procissão solemne de transladação, que era da seguinte forma:

Abria o prestito innumera quantidade de religiosos de todas as ordens, uns arvorando cruces, outros empunhando tochas; logo depois seguiam-se cinco formosos cavallos, ricamente ajazezados, levados á mão por alguns dos mais nobres fidalgos do reino. O primeiro coberto de damasco branco e vermelho, tinha no xairel bordadas as armas de S. Jorge; na cobertura do segundo, que era de damasco vermelho e azul, iam as armas d'el-rei; o terceiro, igualmente paramentado, tinha bordado no damasco o mote do fallecido monarcha «Por bem». O quarto, coberto com iguaes arreios, levava bordada a divisa, que el-rei tomára ao casar com a rainha D. Filipa, e que era a letra F; o quinto, enfim, ia simplesmente paramentado com uma ampla cobertura e damasco.

Seguiam-se, depois da carreta com as andas com o caixão, puxada pelo rei e pelos infantes, doze cavalleiros, o primeiro dos quaes levava a bandeira d'el-rei enrolada e recostada no hombro, o segundo levava o elmo, o terceiro o estandarte, o quarto o guião, o quinto a lança, o sexto a acha d'armas, e os restantes as outras armas, menos o ultimo que levava um balsão negro a arrastar pelo chão, e rematavam o prestito a fidalguia e o povo. Na rua Nova e em S. Domingos estavam armados pulpitos, onde dois prégadores de fama fizeram sermão accomodado ao caso. Á porta de S. Vicente pizeram-se cavallos na carreta, e o rei e os infantes, montando tambem a cavallo, acompanharam o prestito.

Lá vae caminho de Odivellas o funebre cortejo, desenrolam-se tristemente pelas campinas despidas de vegetação as longas fileiras sombrias, as arvores desfolhadas, acoitadas pelo vento frio de outubro, inclinam gravemente os seus ramos nus, como braços de espectros que saúdam a passagem d'um novo companheiro na habitação da morte. O sol é triste, como funeraria lampada, e as nebrinas do outonno, subindo lentamente nos ares, parece que vão toldar de crepe o firmamento.

Já o sol declinava no occaso, e incendiava com os seus raios as vidraças do gothico mosteiro, quando o prestito chegou a Odivellas. O corpo d'el-rei foi levado a uma eça disposta no meio da velha igreja de D. Diniz, e ao infante D. Henrique foi incumbida a guarda nocturna do corpo.

Como a mestre de Christo, deviam acompanhalo n'esse piedoso dever os commendadores e muitos dos cavalleiros da sua ordem.

Desceu a noite, envolvendo no seu manto lugubre o convento e as campinas circundantes. A uma e uma accendem-se no céu as estrellas, no templo os cirios fúnebres. Seguido pelos seus freires, dirige-se D. Henrique para o cruzeiro.

Entra a longa procissão, cerram-se as portas com fragor, e reina o silencio absoluto na ampla nave da velha igreja.

A luz projectada pelos tocheiros illumina apenas uma limitada zona, as trevas repellidas do centro refugiam-se nos cantos, onde com ellas se esconde o pavor mysterioso.

Das abobadas sagradas gotejam a fé e a poesia, mas a ideia da morte, posto que illumina pela aurora do céu, paira com azas negras na atmosphera, onde fluctua esse confuso murmuro que brota do silencio profundo, como a voz do eterno enigma, que nos persegue o ouvido, quando se extinguem os murmuros vulgares da existencia.

(Continua)

PINHEIRO CHAGAS.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 128)

XVII

Em breve diremos o que se continha na terrivel carta, que ferio como um raio Heitor Valensson.

Agora cumpre observar que Vital Malescot, o miseravel em quem San Marco e Donaciano punham toda a esperanza, era um d'esses typos vulgares em Paris, que habituados aos julgamentos e condemnacões dos tribunaes, acabam por praticar toda a cas-

ta de crimes e perversidades. Com mais razão do que outros, que tem morrido no cadafalso, Vital Malescot foi degradado para Cayenna, d'onde conseguiu fugir; e praticando depois um novo crime, que lhe deu a posse de avultada somma, estabeleceu-se em Paris com outro nome, e grangeou reputação de homem honrado. Tomando parte nos acontecimentos de 1871, refugiou-se em Bruxellas, e todos o consideravam um condemnado politico deixando-o gozar em paz dos seus meios de fortuna. O certo porém é que dispendeu quanto possuía, e San Marco que o conhecia de longa data, vio logo que era elle a pessoa edonea para pôr a desempenho o seu cobarde projecto.

A vista do lugar em que tinha de exercer as suas funcções, deu-lhe esperança de bom exito. Um valle, ruínas cercadas de arvores, e completamente desertas... não podia haver nada melhor.

Depois de esperar talvez duas horas, descobriu um camponez que parecia segui-o:

—Mau vae o negocio, disse elle.

Passados alguns momentos appareceu René Morlant, só, dentro de um grande pateo. O camponez continuara o seu caminho e desaparecera.

O advogado vio, observou tudo, e ao cabo de meia hora ainda Vital Malescot não tinha achado occasião oportuna de atacar. Mas quando René Morlant entrou n'uma sala da torre do sul, o malfexor, como coharde, foi pé ante pé, e chegando proximo da victima desfechou.

XVIII

Apenas se produziu a detonação o advogado lançou-se sobre o assassino, que fugia, chegando quasi a estrangulal-o. Este, porém, sentindo livre o braço em que tinha o revolver, deu outro tiro e René Morlant cahiu para traz como massa inerte.

Vital Malescot deitou a correr, porem, tomado de uma especie de deliquio, sentou-se n'uma pedra, confiando na solidão completa do lugar.

Correra grande risco, experimentara um susto enorme; porem o exito não podia ser mais favoravel! O homem estava morto—; nenhuma testemunha podia accusal-o, e a recompensa prometida!... como tudo lhe sorria!

Desenrolava-se a seus olhos o mais agradável dos horizontes, quando ouviu as seguintes palavras:

—Que diabo houve aqui? Deram-se dois tiros... ouvi perfeitamente.

Era o camponez.

—O que? o que? balbuciou o criminoso, pondo-se em pé como se obedecesse a um machinismo.

—Ovi dois tiros, e pergunto o que foi.

Vital Malescot afastou-se a pouco e pouco, e chegando a certa distancia, respondeu:

—Você está a sonhar, homem; passe muito bem.

O assassino correu com tal rapidez, que teria excitado as suspeitas do camponez, se este o tivesse seguido com os olhos.

O pobre homem convenceu-se de que se tinha enganado, mas de repente bateu na testa, e exclamou:

—Já sei; foi um duello sem padrinhos. Ainda, agora vi aqui outro sujeito, e naturalmente é o que ficou ferido. Vou procural-o; deve estar cahido por algum sitio.

Começou a procurar, e encontrando René Morlant estendido, banhado em sangue, sem dar accordo de si, imaginou-se deante de um cadaver, e

tudo a tremer foi dar parte do succedido ao povoado.

D'ahi a pouco as ruínas foram invadidas por numerosa multidão, que esperava o medico e a auctoridade. O medico, rapaz ainda novo, declarou que o homem ainda vivia, mas que não podia ser levado d'ali sem grande risco. Accendeu-se lume, trouxeram-se cobertores, prestaram-se todos os socorros, e procurou-se nas algibeiras o advogado algum signal, por que podesse ser reconhecido. Encontrou-se-lhe o bilhete de visita, e assim se soube o nome, a profissão, e a sua residencia em Ixelles.

Imagine-se o espanto de Celestina de Trénoy, quando depois do jantar se lhe apresentou em casa um homem contando-lhe o que acontecera ao seu hospede. N'essa occasião conversava ella com João Rotentout, que acabava de chegar. João, ouvindo a historia, exclamou:

—Foram elles que o mandaram assassinar!

E cahindo sobre uma cadeira, ficou por algum tempo em profunda meditação.

O honrado servo de Heitor Valenson ergueu-se como transfigurado.

—Vamos, disse elle, coragem! Succeda o que succeder, hei de cumprir a minha obrigação... Eu é que hei de vingar meu amo, e aquelle que tinha abraçado a sua causa!

Horas depois João Rotentout, sentado á carteira de René Morlant, cujo estado era sem esperanza, escrevia a Heitor Valenson a carta que lhe arrancou tão dolorosa exclamação.

XIX

Um dia de manhã Donaciano de Monville disse á mulher que ia a Mons ver um de seus compatriotas, estabelecido n'aquella cidade, e só voltaria no dia seguinte.

Ao revés do que se dá com as raparigas recém-casadas, Paulina recebeu com agrado esta noticia. Precisava de estar só ou de fallar em liberdade com Celestina.

Foi a casa d'esta depois de jantar, e a creada disse-lhe que a senhora tinha sahido pela manhã, mas que não devia demorar-se.

A viscondessa entrou para um gabinete, e perguntou:

—Sahio pela manhã? é extraordinario.

—E que teve de ir longe... foi a Beersel.

—A Beersel?... n'este tempo?

—E foi por um motivo bem mau... Conhece aquelle advogado francez, que estava hospedado aqui, o sr. Morlant? Levou um tiro lá nas ruínas, e está para morrer.

—Que me dizes? exclamou Paulina; como foi?

—Sci apenas o que disse. Bontem julgou-se que elle não deitava á madrugada.

—E o criminoso foi preso?

—Eu não sei; a senhora contará tudo.

Paulina esperava com grande impaciencia a vinda de Celestina. René Morlant, que ella só vira uma vez, produziu-lhe optima impressão; e tinha um vago presentimento de que entre Donaciano e o advogado existia um laço mysterioso.

Passou pelos olhos todos os livros e illustrações que estavam sobre a meza, e, quando chegou ao ultimo, descobriu que era exactamente aquelle que tanto a preocupava.

A procurar o capitulo, que já tinha visto, mas a creada entrou com um telegramma aberto.

—A senhora só chega no ultimo comboio... ás dez e meia.

A viscondessa de Monville, collocada entre um escrupulo de consciencia, um acto de ineivilidade, e a mais forte das tentações, pegou no livro e largou-o repeti las vezes, mas acabou por escondel-o debaixo da capa, e leval-o para casa.

Uma vez intima dizia-lhe na rua que tinha procedido mal; Paulina queria obedecer-lhe, mas a curiosidade triumphou... A carta estava jogada! Ella voltaria no dia immediato, e confessaria tudo á amiga.

Entrando em casa, teve o gosto de achar sua madrinha Zelia Martinpré, que viera passar algumas semanas a Bruxellas.

O jantar estava prompto. Foram para a meza, mas Paulina pretextou uma enxaqueca e retirou-se para o seu quarto.

Abrio o livro, e sentio uma commoção como raras vezes terão experimentado aquelles, que, accreditando na revelação do futuro, se acham em presença do oraculo terrivel, que vae descobrir-lhes os decretos mysteriosos do destino.

Leu durante mais d'uma hora, e com o olhar fixo, a respiração offegante, os membros agitados, passou pelas mais diversas e pungentes alternativas.

Terminada a leitura, depoz o livro, e de pé, deante do mudo revelador, ficou absorvida em profunda cogitação.

XX

A obra do marquez G. de B. é uma collecção de notas e impressões de viagem, sob a forma epistolar, escriptas ao correr da pena, quasi dia a dia.

Vamos extrahir as passagens estritamente necessarias para a intelligencia da nossa historia.

Catanea, 10 de Setembro de 1866.

Deixei Messina; o caminho, que conduz até aqui, é arido, feio, e desagradavel. Mas achei em Cutanea larga compensação á sensaboria da viagem.

Hospedei-me no hotel *Corona*, onde travei relação com um rapaz francez, extremamente sympathico. Acompanha-o um creado, tambem excellente homem.

O visconde Donaciano de Monville—é o tal rapaz—pertence a uma antiga familia da Lorena. O pae casou com uma siceliana, que levou para a sua patria, mas que não podendo resistir ao clima voltou por conselho dos medicos para os arrabaldes de Termini, onde morreu, deixando um filho. Este levado para França, amou sempre a terra natal, onde veio fixar a sua residencia quando recebeu a fortuna da mãe, a marquezia de Alcamo. Só deixou a Sicilia por algum negocio grave, como a morte do pae. É um rapaz de vinte e oito annos, que ao physico encantador junta um espirito muito esclarecido.

Dirige-se a Syracusa para casar com uma sua parente, que só vio duas vezes, mas por quem está loucamente apaixonado.

Passi uma noite deliciosa conversando com o meu novo amigo, e amanhã visitarei a cidade e depois o Etna.

Catanea 15 de Setembro.

Voltando da minha visita ao Etna, tive o prazer de encontrar no hotel *Corona* o visconde de Monville. Demorara a sua partida em consequencia de uma indisposição, que o obrigou a ficar de cama alguns dias; mas felizmente está restabelecido, e parte amanhã.

De um quarto n'uma estalagem, 17 de setembro.

Escrevo-te de um logar sem nome, ou antes de um quarto, como só existe aqui.

Quando me despedi do visconde de Monaville, tive a ideia de o acompanhar, e puz-me a caminho. Encontrámos na estalagem dois viajantes, um dos quaes é francez. E' um moço da idade do visconde e, coisa notavel, parece-se extraordinariamente com elle na cara, na voz, nas maneiras, em tudo.

E' um simples conductor de trabalhos, mas ins-

os hombros e hatia com o dedo na testa significando que lhe faltava o juizo...

De um quarto n'uma estalagem, 17 de setembro.

Deitamo-nos hontem muito tarde por causa da animada conversação, cuja parte principal coube ao mais novo dos nossos dois companheiros. Tem immensa *verve*, e viajou o mundo inteiro. Para verifi-

representou um papel politico nos acontecimentos que transformaram a Italia. Perguntei por elle ao francez, e disse-me que o conhecera só na vespera, mas suppunha que desempenhava um cargo official importante em nome do governo de Florença.

Durante toda a noite observei uma grande mudança no visconde de Monaville: de conversador e alegre tornou-se sombrio e taciturno.



UM PASSADO TENEBROSO.—O revelador

truidissimo, e d'um espirito energico e aventureoso.

O seu maior desejo, diz elle, é ser attacado pelos salteadores para prestar um serviço ao governo.

E o sujeito que o acompanha? Não gosto d'elle: é um italiano muito mais velho, de physionomia sarcastica e má! Em quanto o moço companheiro conversava com todo o entusiasmo, elle encolhia

car a exactidão da sua historia, sujeitei-o a varias provas, sem elle dar por isso, e era tudo verdade. Perguntado como poudé visitar tantos paizes, Leão Durocher—é o seu nome—respondeu que ainda muito novo foi secretario de um homem riquissimo, com a mania do cosmopolitismo.

Que differença entre Durocher e o italiano! Ve-se que este viajou tambem bastante, e parece-me que

Interroguei-o, e explicou-me o facto por uma repentina indisposição, que o somno dissiparia.

Fomos todos para a cama. O italiano e o Durocher ficaram no mesmo quarto; o visconde e o seu creado n'uma especie de sala, e eu n'um gabinete do rez-do-chão.

(Continua.)